

Laços eternos

A amizade que tinham no orfanato era o único laço de amor que os dois conheciam. E nem o tempo e a distância conseguiram rompê-lo.

POR DAVID MOLLER

Quando Alan Brogan olhou para fora do carro preto que o levava para longe do orfanato Rennie Road, em Sunderland, na Inglaterra, o céu cinzento de setembro espelhava seu estado de espírito. “Para onde estou indo?”, perguntou à assistente social. Ela não respondeu. Mas Alan sabia que a época mais feliz de sua vida estava acabando.

Terceiro de quatro filhos de um operário de estaleiro, seus primeiros anos haviam sido de extrema pobreza, na área portuária de Sunderland. Quando a mãe morreu de câncer, o pai não soube lidar

Alan e Irene em Whitby, onde uma excursão na infância mudou a vida dos dois.

FOTOGRAFADO POR CHRIS ROUNT



com a situação, e os três filhos mais velhos foram postos em orfanatos. Com apenas 4 anos, ele começava uma nova etapa da infância em estabelecimentos antigos, que haviam ficado parados no tempo. Os funcionários tratavam as crianças com rigidez. Comida e roupa eram escassas e a disciplina, rígida.

Então, num dia de 1959, quando Alan estava com 7 anos, uma menina chamada Irene chegou ao orfanato. Tinha cabelos ruivos e olhos verde-azulados. Para Alan, foi como se houvesse brotado uma emoção diferente: pareceu-lhe que conhecia aquela garota há muito tempo.

Irene, 9, perdera a mãe, que mor-

conta de um castelo que ficava naquela montanha, com suas torres e grandes dimensões. Depois desciam correndo a encosta do lado oposto, pela mata às vezes repleta de flores. No sopé do morro havia uma capela onde eles se sentavam para ver a luz do sol projetar as cores dos vitrais. Então tinham de voltar em disparada, para que ninguém desse falta deles no orfanato.

Certa vez, de mãos dadas no alto do monte, Alan perguntou:

– Quando a gente crescer, você vai se casar comigo, Irene?

– Claro – respondeu ela. – Mas você vai ter de esperar muito.

Um dia, os dois baixaram a guarda.

Alan estava determinado a voltar precisava dizer a ela que não a

reu de tuberculose, quando a filha tinha 2 anos. O pai se tornara alcoólatra. Embora os funcionários fizessem de tudo para manter meninos e meninas separados, ela e Alan se escondiam atrás de uma cortina na sala de jogos e passavam horas conversando.

As crianças mais velhas, desesperadas por afeto, ressentiam-se da amizade dos dois. Um dia, quatro meninos começaram a empurrar Irene. Alan enfrentou todos, alguns com o dobro de sua idade. Levou uma surra.

Nas poucas horas em que as crianças tinham permissão para sair sozinhas, Alan e Irene se esgueiravam até o Monte Bunny. Do alto, contemplavam o que parecia o mundo de faz-de-

O orfanato levava as crianças numa excursão a Whitby, no litoral norte de Yorkshire. Correndo por entre as antigas cabanas do Exército nas quais estavam hospedados, Alan e Irene começaram a brincar de fazer cócegas um no outro.

“Irene!”, gritou uma funcionária conhecida como tia Nan, aproximando-se. Ela bateu na cabeça de Irene. “Isso não são modos de menina”, disse. E virando-se para Alan: “Você está em maus lençóis.”

De volta a Sunderland, três dias depois, quando Irene e as outras crianças se preparavam para a escola, Alan recebeu a ordem de aguardar na sala de jogos. Duas horas mais tarde, es-

tava no banco traseiro do malfadado carro preto.

Alan foi levado para o orfanato Esplanade, no outro lado de Sunderland. Mas não sossegou. Pela primeira vez na vida, começou a fazer perguntas. “Por que me tiraram do Rennie Road? Quando posso voltar?” As respostas eram ríspidas: “Você não vai voltar ao Rennie Road. Teve a chance de um novo começo. Desista.” Esta era a última coisa que ele pretendia fazer. Tinha de voltar para Irene, avisar a ela que não a abandonara.

Alan matava aula para passar o tempo procurando pontos de referência pelos quais havia passado de

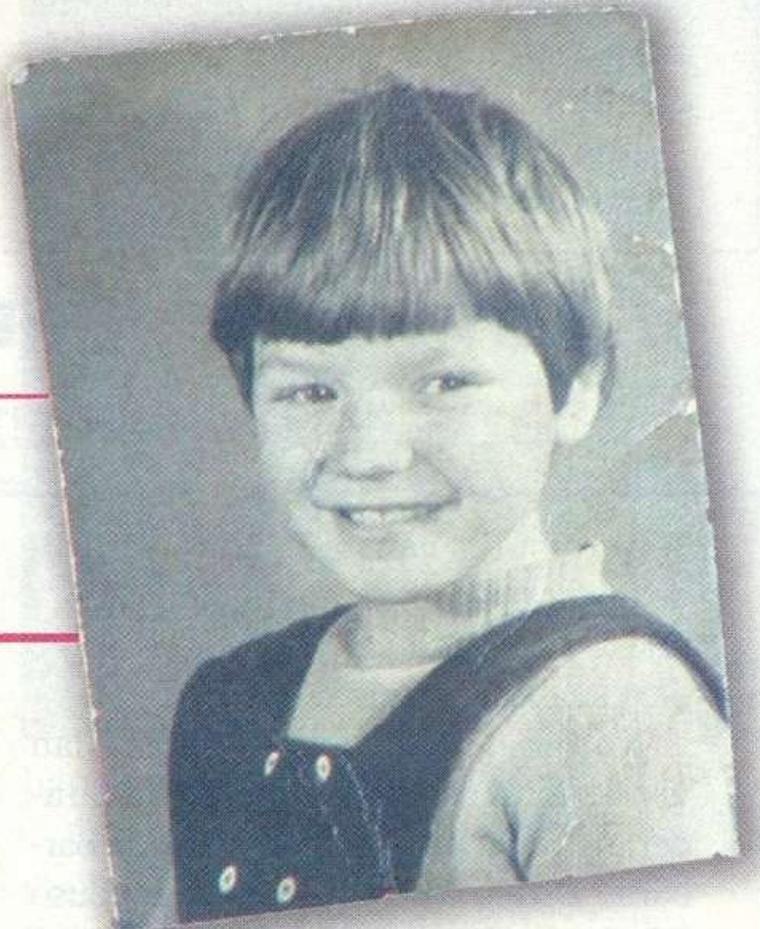
para Irene. Ele abandonara.

carro no percurso de dez quilômetros que o separava do Rennie Road. Menos de um mês depois, partia para lá na calada da noite. Mas, na manhã seguinte, foi capturado pela polícia, a cinco quilômetros de seu objetivo. “Você não deveria estar na escola, rapazinho?”

Apesar da surra de chinelo que levou no orfanato, Alan não tinha intenção de desistir e fez diversas outras tentativas. Por fim, numa noite nevoenta, após seu oitavo aniversário, tomou um caminho mais longo para não ser visto pela polícia. Às 2h da manhã, entrava numa guarita abandonada dos tempos de guerra, que sabia ficar perto do Rennie Road. Enroscado em sua capa de chuva, tentou dormir. Mas, logo após

o raiar do dia, foi impelido pelo frio e pela fome a uma rua comercial. Tinha acabado de comer uma gelatina quando ouviu: “Oi, Alan.” Eram dois policiais.

Alan foi transferido para outro orfanato, ainda mais distante, mas continuou tentando. Então cometeu um grande erro: durante uma fuga, foi pego invadindo um *trailer* de lanches,



à procura de comida. Os juízes então o enviaram ao reformatório Stanhope Castle, no condado de Durham.

“Só existe uma regra aqui: você obedece sem fazer perguntas”, ordenaram-lhe. Alan fez uma tentativa de fugir, mas foi logo capturado e espancado com uma bengala. Entendeu que a segurança e a disciplina quase militar do Stanhope impossibilitariam qualquer nova tentativa de rever Irene. E jurou encontrá-la quando saísse.

Mas, quando deixou o Stanhope, aos 15 anos, Alan se deu conta de que não tinha como localizá-la: eles não sabiam sequer o sobrenome um do outro. Amargurado, pulou de emprego em emprego. Por fim, aos 20 anos, aceitou deixar o passado para trás e abraçar o presente. Entrou para a universidade e se tornou gerente de uma gráfica.

Mas, na vida pessoal, não conseguia escapar do trauma do passado e tinha dificuldade em manter relações.

Aos 28, casou-se, mas, depois de sete anos, o relacionamento terminou.

rias outras pessoas estavam na recepção quando ele chegou. Então surgiu uma mulher de cabelo pintado de louro e olhos verde-azulados. Irene.

Ela soltou um grito abafado de surpresa. Nenhum dos dois conseguia dizer nada. As outras pessoas sentiram o impasse. Por fim, Irene deixou escapar: “Eu brincava com o Alan quando era pequena.” Todos riram, aliviados.

Alan ficou desorientado. Encontrou Irene duas outras vezes na academia, mas a conversa, em voz alta na presença das outras pessoas, nunca pas-

Alan abraçou Irene. E explicou à “era a mulher que ele amou a

Seus temores não eram compreendidos pela mulher. “Não vou ter filhos”, insistia Alan. “E se tudo der errado e eles acabarem num orfanato?”

No fim de 1996, aos 44 anos, Alan vivia em Washington, perto de Sunderland, com uma mulher chamada Barbara.* Diretora de uma casa de repouso em Sunderland, Barbara freqüentava uma academia depois do trabalho. Certa noite, comentou com Alan:

– Tem uma mulher que trabalha lá que cresceu num orfanato.

– Ah, é? Qual é o nome dela?

– Irene.

Alan sentiu um arrepio. Seria possível?

Dois dias depois, ofereceu-se para pegar Barbara na academia. Ela e vá-

sava de amenidades. Então, uma vez, por apenas um instante, eles se deram as mãos.

Alan achava que Irene fosse casada. E ele também estava com Barbara. Por que causar aquele sofrimento?

Como tinha contratos de trabalho na Escócia, mudou-se para lá. Talvez Barbara tivesse notado sua reação na presença de Irene: tornou-se mais distante. Por fim, os dois se separaram. Então, em 2000, Barbara morreu de uma doença relacionada a diabetes.

Alan só voltou para Sunderland em maio de 2002. A essa altura, desistira completamente de manter relacionamentos. Mas, sempre que via na rua uma mulher que se parecia com Irene, não conseguia deixar de se aproximar para olhar de perto.

Então, num dia de 2004, ele a viu no

* Nome fictício.

banco do carona de um carro que fazia a volta num trevo. Ela sorriu e acenou. Havia um homem ao volante. Alan suspirou, ciente de que teria de esquecê-la de uma vez por todas.

Depois de passar cinco dias sem ver Alan no Rennie Road, em 1960, Irene passou a perguntar onde ele estava. “Ah, ele foi adotado por uma família de Whitby”, respondeu tia Mary.

Uma parte de Irene ficou feliz: agora ele viveria com uma família de verdade. A outra parte sentia uma sau-

amiga que aquela vida toda”.

dade imensa, que certamente levaria muito tempo para se apagar.

No começo, teve os mesmos altos e baixos na vida. Quando deixou o orfanato, aos 15 anos, aceitou emprego numa fábrica e alugou um quarto no subsolo de uma pensão barata em Sunderland, onde, ela dizia, os homens a assediavam.

Aos 17, conheceu um mineiro, Robert, e agarrou a chance de se casar com ele alguns meses depois. Por fim teria uma casa e uma família de verdade. Estabeleceu-se em Sunderland e teve dois filhos: Michael e Joanne.

Mas, depois de sete anos, seu casamento também acabou. Ela teve outros relacionamentos, mas nunca se sentiu segura. Às vezes, levava os filhos a Whitby, onde achava que Alan havia crescido, na esperança de es-



Alan e Irene no dia em que finalmente se casaram.

barrar com ele.

Quando o encontrou, naquelas poucas vezes na academia, quis lhe dizer que sempre o amara, mas teve medo de aborrecê-lo ou prejudicar a relação dele com Barbara. Mais tarde, alguém lhe disse que Barbara havia morrido, e que Alan se mudara para a Escócia.

Vê-lo na rua, em Sunderland, foi ao mesmo tempo animador e angustiante. O homem no carro era apenas um namorado, mas, embora ela soubesse que Alan tinha voltado, não podia localizá-lo porque não sabia o seu sobrenome.

Ao terminar com o namorado, pouco tempo depois, Irene decidiu: *Se não posso ter Alan, não quero outra relação.* Mal sabia que estava morando a poucos quilômetros dele, em Washington, no condado de Tyne e Wear.

Fazia sol no dia 10 de maio de 2004, em Sunderland. Às 13h, Irene andava pela Rua Blandford com a amiga Elizabeth, sentindo-se bem depois de ter malhado na academia.

Mais adiante, havia um homem que lhe parecia familiar... então foi como se tudo à volta parasse.

- Alan - gritou ela. De repente, os dois se abraçaram. - Estou solteira, sabia? Finalmente estou livre.

- Eu também! - exclamou ele.

Para a amiga perplexa de Irene, Alan explicou: "Esta é a mulher que amei a vida inteira."

Ele anotou o telefone dela e o nome completo que jamais soubera: Irene Kinnair. Conferiu o número cinco vezes.

Na noite seguinte, eles se encontraram para um jantar à luz de velas, no apartamento de Alan, e partilharam o que lhes acontecera nos últimos 44 anos. "Talvez seja mais fácil, daqui em diante, se jantarmos juntos todas as noites", sugeriu ele. Alan pediu Irene formalmente em casamento numa praia da Tunísia, em dezembro de 2004. "Aceito, aceito, aceito!", gritou ela.

Os dois se casaram em maio de 2007, cumprindo a promessa que Irene fizera no Monte Bunny, quase meio século antes.

- Eu avisei que você teria de esperar muito - brincou ela.

- Valeu a pena - respondeu ele.

LEIS DE MURPHY

- Lei da experiência: não vai funcionar.
 - "Alô, você acabou de colaborar com R\$ 100 debitados em sua conta telefônica! Muito obrigado pela sua ligação."
 - A informação mais necessária é sempre a menos disponível.
 - Se a experiência funcionou na primeira tentativa, tem algo errado.
 - Por mais tomadas que se tenha em casa, os móveis estão sempre na frente.
 - Uma maneira de se parar um cavalo de corrida é apostando nele.
 - Se uma manutenção exige "n" peças, haverá sempre "n-1" peças em estoque.
 - Quando um erro é descoberto e corrigido, depois se descobre que não estava errado.



Stephan Albert Rosenast, Belo Horizonte (MG)



Na dúvida, pareça inteligente.

Garrison Keillor na Premiere

Fique feliz com o seu corpo. É o único que você tem e deve gostar dele.

Keira Knightley

Quando uma pessoa vira figura pública pode perder completamente as rédeas do que ela representa de verdade.

Selton Mello

Destemor é a mãe da reinvenção.

Arianna Huffington

Dificuldades todos temos. A maneira de sair delas é que nos diferencia.

Adriane Galisteu na Caras

Hoje existem celebridades, não existem cérebros.

Marcus Paulo na Playboy

Em momento de mudanças drásticas, você tem de saber se adaptar, ser ágil. Mesmo fazendo só o que você sabe fazer.

Frejat na Men's Health

A melhor coisa para enfrentar as críticas é dar risada de si mesma.

Alinne Moraes na Criativa

Pense na vida como uma doença terminal. Se você fizer isso, vai viver a vida alegre e com paixão, como deve ser vivida.

Anna Quindlen em Um pequeno guia para uma vida feliz

Psiiu...

Gosto de platéia; não tenho a menor inibição.

Fátima Bernardes na Nova



Nunca se envergonhe de dizer que errou. Assim, você está dizendo que é mais sábio hoje do que ontem.

Dave Gilpin



Pagamos até R\$ 50 por frases de brasileiros famosos vivos (página 50).